

# Comunicação e território: fundamentos conceituais a partir da Teoria Crítica do Espaço<sup>1</sup>

*André Buonani Pasti*

Universidade Federal do ABC - UFABC

andre.pasti@ufabc.edu.br

---

**Resumo:** Este artigo busca apresentar e discutir caminhos conceituais para a análise da comunicação a partir do território usado e praticado, partindo da Teoria Crítica do Espaço proposta por Milton Santos. São apresentados e mobilizados conceitos buscam interpretar as dinâmicas territoriais da comunicação na atualidade.

**Palavras-chave:** comunicação; território; Teoria Crítica do Espaço; Milton Santos.

---

## Introdução

A intensa presença dos fluxos de informação e a importância crescente das redes baseadas nas tecnologias da informação e da comunicação na reorganização dos territórios trazem às áreas do conhecimento que abordam as dinâmicas territoriais, da Geografia ao Planejamento Territorial, urgência em uma reflexão teórica que dê suporte à interpretação das conexões entre comunicação e território. É só a partir do momento em que a informação se torna instantânea que é possível construir uma teorização geral sobre o espaço, afirma Milton Santos – já que se torna possível entender as novas relações criadas pelas novas técnicas no território (Santos, 2008a, p. 62). Nos estudos de comunicação, a relevância da dimensão territorial também tem sido considerada com crescente atenção, com uma chamada “virada espacial” nos estudos de mídia.

Este artigo pretende contribuir para a construção de pontes que viabilizem um diálogo profícuo entre os estudos sobre o território e sobre a comunicação, com uma perspectiva centrada na teorização crítica sobre o território desde o Sul (Santos, 2009).

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão modificada e aprimorada de Pasti (2012), com elementos já presentes em Pasti (2018). Agradeço aos membros do GP Geografias da Comunicação da Intercom e aos integrantes do Territorial – Grupo de Pesquisa Território Praticado, Conjuntura e Tecnopolítica na América Latina e do Grupo de Estudos A Natureza do Espaço da UFABC pelas trocas que enriqueceram esse texto.

Para tanto, o presente texto traz reflexões a partir da Teoria Crítica do Espaço, proposta pelo geógrafo Milton Santos, em diálogo com a Sociologia do Presente, elaborada por Ana Clara Torres Ribeiro. Longe de esgotar as possibilidades que as obras desses autores deixam, o presente artigo busca fundamentar um conjunto de conceitos fundamentais para interpretar comunicação e território.

O texto está organizado em cinco partes: inicialmente, apresentamos alguns dos esforços já construídos de diálogo entre Comunicação e Geografia; em seguida, retomamos aspectos basilares do método geográfico para a compreensão das dinâmicas territoriais da informação e da comunicação; na terceira parte, discutimos conceitos que permitem uma leitura dessas questões no período atual; em seguida, abordamos pontos fundamentais para a busca de interpretações das comunicações por meio da geografia crítica; por fim, prosseguimos esse debate a partir de uma reflexão sobre o cotidiano e a existência.

### **Um campo em construção**

A trajetória dos debates conceituais sobre território e comunicação passam especialmente pela interface interdisciplinar entre Geografia e Ciências da Comunicação, que ganhou relevância nas últimas décadas. Como afirma Milton Santos (2004, p. 141), o trabalho de pesquisa interdisciplinar deve evitar a construção de explicações superficiais baseadas em uma compreensão pobre das disciplinas vizinhas. Na mesma direção, Aguiar Lopes (2013, p. 32) afirma que “da mesma forma que, durante muito tempo, os geógrafos se agarraram à metáfora dos meios de comunicação como [...] ‘canais’ entre um sujeito e o mundo exterior, também os pesquisadores da Comunicação priorizam o uso metafórico do espaço e da espacialidade”. A mesma autora afirma, ainda, que

Em pouco mais de uma década, o número de livros e artigos [de Comunicação] que utilizam referenciais geográficos em seus estudos sobre fenômenos e tecnologias da comunicação e da mídia aumentou exponencialmente no mundo anglo-saxônico, especialmente na Inglaterra e nos países nórdicos. *Em geral, as análises orientam-se por noções de espaço, espaço-tempo e território que nem sempre são ancoradas em uma base epistemológica da ciência geográfica, incluindo suas controvérsias teóricas.* Na maior parte dos casos, sequer há geógrafos na bibliografia trabalhada. Os conceitos de caráter geográfico muitas vezes são citados de segunda mão, a partir de filósofos, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos ou são originados destes, como acontece nas Geografias Cultural e Social (Aguiar Lopes, 2013, p. 32, grifo próprio).

Diversos pesquisadores da Geografia e da Comunicação trouxeram contribuições para esse diálogo interdisciplinar, de maneira mais ou menos explícita e estruturada. Para evitar essa banalização ou desfiguração de conceitos, Ana Clara Torres Ribeiro (2012, p. 35) ressalta a importância do cuidado com a história singular de cada disciplina e do reconhecimento de seus pressupostos metodológicos.

Segundo Hillis (1998, p. 543), no campo de pesquisas geográficas, a comunicação e suas tecnologias foram objeto de uma atenção irregular por parte da Geografia Humana. Focado na análise da produção geográfica anglo-saxônica, o autor considera que desde os anos 1960 – até os anos 1990, data de publicação de sua análise –, com poucas exceções, o tema das comunicações não foi suficientemente investigado, analisado e teorizado. Ele menciona exceções como Gottmann (1977), Hepworth (1989) e Adams (1993). A escola sueca de Geografia trouxe contribuições para a análise da informação e da comunicação (Contel, 2011; Pasti, 2015). Destacam-se as obras de Hägerstrand, cujos esforços analíticos de maior destaque foram: (a) os debates sobre a “difusão espacial de inovações”<sup>2</sup> (Hägerstrand, 2013), (b) a mobilidade e a migração e (c) uma “geografia do tempo” (Thrift, 2005; Contel, 2011).

Diversas pessoas contribuíram com esse diálogo interdisciplinar, entre os quais destacamos Jasper Falkheimer e André Jansson (2006), que abordam a geografia a partir da comunicação; Barney Warf (1995, 2011, 2012), que aborda temas de Internet e telecomunicações na Geografia; e Chris Lukinbeal e Stefan Zimmermann (2008), com estudos sobre mídia e cinema no campo da Geografia cultural. Entre as referências da Geografia anglo-saxônica, no campo que se estabeleceu sob a denominação de *Geografias da Comunicação*, cabe destacar as obras de Adams (2011, 2016, 2017), na perspectiva da geografia humanista.

Analisando trabalhos que tratam desse diálogo interdisciplinar a partir das relações entre espaço, lugar e mídia, Adams organizou as diferentes abordagens em um quadrante: lugar-na-mídia, espaço-na-mídia, mídia-no-lugar e mídia-no-espaço (Adams, 2011, p. 40). Com o avanço desses estudos interdisciplinares nos Estados Unidos, a Associação Americana de Geógrafos (AAG) criou um grupo sob o tema “Geografia da

---

<sup>2</sup> Em sua crítica às teorias de difusão das inovações e das informações, Milton Santos afirma que “Hägerstrand atribui mais influência efetiva às relações interpessoais do que aos meios de comunicação de massa” (Santos, 2003, p. 79) para a difusão de informações, além de afirmar que os modelos criados de difusão de informações pressupõem que se poderia teorizar sobre esse tema com base em “regularidades empíricas observadas”.

Comunicação e da Mídia” (AAG, 2018). Aguiar Lopes (2013, p. 33) conta que esse campo de pesquisas vem se organizando em torno de quatro eixos principais de investigação:

[1] o papel do espaço e da espacialidade como categorias analíticas das variadas formas de expressão e comunicação humanas; [2] a organização e disseminação territorial das tecnologias de informação e comunicação, com ênfase mais recente na internet e nos dispositivos móveis; [3] as geografias dos sistemas de mídia nos contextos da globalização e da regionalização, com imbricações na economia política; e [4] a geopolítica dos fluxos e contrafluxos de informação e comunicação em âmbito mundial, tanto via sistemas corporativos transnacionais quanto por meio de mídias sociais alternativas.

A autora ressalta que essas vertentes ainda se orientam fortemente pelas perspectivas epistemológicas e por visões de mundo marcadas por olhares anglo-saxônicos ou europeus, tanto em termos teóricos quanto dos objetos e recortes empíricos privilegiados. Ela aponta a necessidade de uma “agenda de pesquisa sob uma perspectiva do Hemisfério Sul, que atenda a demandas de investigação latino-americanas” (Aguiar Lopes, 2013, p. 33). Ribeiro (2010) também traz atenção aos servilismos que dificultam a produção de teorias e conceitos a partir da realidade latino-americana. Para Silveira (2006a, p. 86), “a América Latina pede uma teoria do espaço fundada na nossa própria história”.

No caso da Geografia brasileira, partindo de um entendimento amplo dessas pesquisas com alguma interface entre Geografia e Comunicação<sup>3</sup>, José Marques de Melo (2010) considera que existiriam vestígios de incursões na área bem antigas, configurando “uma espécie de geografia precoce da comunicação brasileira”. Para este autor, alguns

---

<sup>3</sup> No âmbito da área de Comunicação, Melo (2010) considera que um dos autores fundamentais e precursor dessas contribuições teria sido o canadense Harold Innis (1894-1952). Segundo o autor, Innis teria oxigenado e ampliado os estudos sobre o desenvolvimento dos atos comunicacionais, dialogando com a geografia, a história e a economia. No Brasil, o desenvolvimento desse trabalho interdisciplinar se deu, em parte, baseado no diálogo com a Geografia brasileira – Melo (2010) cita a ocasião do Encontro Internacional Novo Mapa do Mundo (1992), organizado por Milton Santos e Maria Adélia de Souza na Universidade de São Paulo, e diversos encontros da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom) em que temas como classes subalternas, contrainformação, comunicação rural e globalização e regionalização foram tratados. Além disso, foram fundamentais as agendas de pesquisa que exigiram aportes da Geografia. No entanto, apenas em 2008 ocorreu a institucionalização desse trabalho interdisciplinar, com a criação de um Grupo de Pesquisa dedicado à Geografia da Comunicação no âmbito da Intercom. Esse grupo tem produções “que dialogam com várias áreas e fronteiras do conhecimento. Essa peculiaridade estava presente na sua primeira reunião que incluiu temas como comunicação internacional, comunicação Sul-Sul, comunicação intercultural, comunicação e geografia, comunicação e migração, comunicação e espaço urbano, diversidade cultural, construção de territórios simbólicos na mídia, geografia e política, convergência de mídia, bases de dados geográficos e mídia de fronteira. Essa abrangência significa que a Geografia não é mais tão ‘invisível’ para a Comunicação” (Baldessar, Moreira e Pasti, 2014, p. 522).

dos intelectuais que teriam trazido contribuições nesse sentido seriam Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda e Fernando de Azevedo, da Universidade de São Paulo. O autor destaca a contribuição do geógrafo Manuel Correia de Andrade – que abordou a relação entre proximidade e afastamento – com um componente comunicacional – e as “dificuldades de comunicação” (Andrade, 1996).

Desde especialmente os anos 1970, importantes contribuições aos estudos de Comunicação vieram da Teoria Crítica do Espaço, de Milton Santos, a partir da qual se desenvolveram agendas de pesquisas com base em problemáticas próprias aos territórios da América Latina, considerando suas especificidades. Esse é o nosso ponto de partida.

### **Território usado e praticado, totalidade e comunicação**

Nossas reflexões se dão a partir do território usado, sinônimo de espaço geográfico (Santos, 1994), entendido como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 2006a, p. 63). Na perspectiva de Santos (1994, p. 15–16), o que interessa à análise social não é o território em si, mas o *uso do território*, o *território usado*. Para o autor, o território são as formas, mas o território usado são os objetos e ações. Nesta concepção, “a ação é portadora do tempo na própria espacialidade das técnicas, na medida em que manifesta, no mesmo movimento prático e político, as condições historicamente herdadas e o projeto de sua transformação”. (Ribeiro, 2017, p. 31).

Segundo Santos e Silveira (2001, p. 247), para definir um território “devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política”. O território usado pode ser entendido, também, como território praticado, conforme Ana Clara Torres Ribeiro (2013, p. 150). Para a autora, “o território usado, na perspectiva da dialética criadora entre sistema técnico e sistema de ação, constitui [...] uma configuração espessa de mediações (materiais e imateriais) que concretiza o agir político. O território é usado e praticado” (Ribeiro, 2017, p. 37).

Conforme Santos e Silveira (2001, p. 247), para definir um território “devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política”. Espera-se

avançar, desse modo, para além de uma mera busca pela “localização” dos fenômenos, baseada na ideia equivocada de espaço geométrico, para a compreensão de que o espaço não é um mero “palco” das ações. Para além de uma perspectiva geométrica do espaço — o espaço visto apenas como distâncias, extensões, formas, tamanhos e limites, visão esta que orientou por bastante tempo as pesquisas na geografia e nas ciências que buscavam nela seus diálogos interdisciplinares — propõe-se uma abordagem a partir da existência, uma epistemologia existencial da geografia, que será discutida mais adiante.

Conforme Santos (1984, p. 8), o espaço é um campo de forças multidirecionais e multicomplexas onde, ao mesmo tempo em que cada lugar é extremamente diferente de outro, também cada lugar está claramente ligado a todos os outros por um nexos único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal. Por conseguinte, não se deve analisar os lugares por meio de lógicas particulares e encerradas em si, sem a consideração da totalidade<sup>4</sup>.

Essa totalidade está sempre em movimento, que é chamado por Sartre de totalização. Para ele, “os fatos particulares não significam nada, não são verdadeiros ou falsos enquanto não forem referidos pela mediação de diferentes totalidades parciais à totalização em andamento” (Sartre, 2002, p. 36). A totalidade representa um resultado momentâneo desse processo. Os sistemas de objetos e sistemas de ações são novas totalidades dessa totalidade em movimento: o espaço (Silveira, 2000, p. 25). Entender o movimento é crucial: o processo histórico é esse processo de totalização (Sartre, 2002).

Em relação à comunicação, deveríamos, portanto, compreender analiticamente os sistemas atuais de comunicação tanto no que se refere ao sistema de objetos técnicos que dão suporte a seu funcionamento, quanto ao sistema de ações que eles executam, viabilizam e condicionam; do mesmo modo, ao analisar dinâmicas comunicacionais de um lugar deve-se considerar a totalidade e seu movimento de totalização.

Para pensar o espaço a partir das existências, é importante encarar o desafio teórico da indissociabilidade entre espaço e tempo. Daí a importância da noção de evento, proposta por Santos (2006a, p. 144), entendido como um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço. O evento, segundo o autor, é sempre presente, mas não necessariamente instantâneo — daí podermos analisar a duração dos eventos. Os eventos

---

<sup>4</sup>“A noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo um elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes” (Santos, 2006a, p. 115).

também podem ser analisados a partir de suas sobreposições, extensões e escalas. Ainda conforme Santos (2006a, p. 144), o mundo é um conjunto de possibilidades, e o evento é o veículo de uma ou algumas dessas possibilidades, ou pode atuar, também, como o vetor de possibilidades de uma formação socioespacial — isto é, um país — ou de um lugar. O lugar é o depositário final do evento, e onde se instala um evento, há mudanças — eles transformam os objetos, dando-lhes novas características e trazendo novos conteúdos ao lugar (Santos, 2006a, p. 146).

Essa concepção de evento é operacional para analisar questões críticas a respeito da comunicação. Considerando a atual concentração do controle e do comando dos meios de comunicação nas mãos de poucos agentes — sobretudo grandes empresas —, qual é o poder desses meios de condicionar, a partir da dimensão imaterial, os eventos que efetivamente atingem um lugar, bem como a duração desses eventos? O poder midiático de repercussão de eventos parece central para a existência e a reprodução da vida cotidiana, para a seleção de quais feixes de eventos vão se realizar no lugar. De outro lado, com as novas tecnologias da informação e sua apropriação por diferentes movimentos sociais no mundo, qual é a possibilidade real de concretizar e repercutir novos eventos carregados de significados contra-hegemônicos?

Assim, deve-se rever a questão da escala. Em função da visão geométrica de espaço, a escala geográfica foi, por muito tempo, confundida com a escala cartográfica. A escala, conforme Santos (2006a, p. 152) está relacionada, na verdade, com a área de ocorrência de um fenômeno e é, portanto, um dado temporal, e não meramente de extensão. A escala geográfica deve considerar o conteúdo do território e os eventos, pois

é a funcionalização dos eventos no lugar que produz uma forma, um arranjo, um tamanho do acontecer. Mas, no instante seguinte, outra função cria outra forma e, por conseguinte, outros limites. Muda a extensão do fenômeno porque muda a constituição do território: outros objetos, outras normas convergem para criar uma organização diferente. Muda a área de ocorrência dos eventos (Silveira, 2004, p. 90).

Para Silveira (2004, p. 92), o mundo construído e seu arranjo de objetos e normas, ao mesmo tempo em que se transforma com o movimento da totalização, impõe a ele uma inércia, obrigando os vetores a uma adaptação. A isso ela chama de escala de império, representada pelo tempo objetivado, pelo tempo empiricizado — enquanto a escala da ação é constituída de tempo: o tempo global, o tempo nacional, o tempo local.

Em outras palavras, teríamos de um lado a escala como rugosidade — a inércia, dinâmica, das formas herdadas — e de outro como possibilidade: a materialidade cria inércia e resistência à mudança, enquanto a ação cria instabilidade e conflitos e, portanto, novos limites.

Em relação à comunicação, essas novas possibilidades de pensar escala oferecidas pela Teoria Crítica do Espaço nos permitem pensar, por exemplo, que o conjunto de normas que regulam a comunicação e a organização historicamente hierárquica e concentrada do setor podem ser lidos como escala de império, contrapondo-se a estratégias “lugarizadas” de movimentos sociais e de resistência, ou pelos diversos movimentos de ocupação que surgiram quase simultaneamente em diversas cidades do mundo e se articulam por meio de estratégias viabilizadas pelas novas tecnologias da informação. Nesse último caso, temos uma demonstração de que a escala geográfica ultrapassa a escala geométrica: a área de ocorrência do fenômeno une movimentos locais e globais, que devem ser entendidos a partir de sua totalidade.

### **Período atual, comunicação e universalidade empírica**

As transformações desde a chamada revolução informacional (Lojkin, 2002) marcaram profundamente as dimensões técnica e política da comunicação. Silveira (2000, p. 23) chama a atenção para a necessidade de se formular um sistema de ideias no qual o espaço seja pensado como um conteúdo, e lembra que cada teoria pertence a um período histórico. Assim, “como a realidade é dinâmica, os conceitos devem dar conta do movimento” (Silveira, 2000, p. 24). Se é necessário que os conceitos acompanhem o movimento do mundo para se tornarem explicativos do período que analisamos, vamos trazer elementos que permitam interpretar esse período a partir do território usado e praticado.

Consideramos o atual período como período da globalização (Santos, 2000). A esse período corresponde um novo meio geográfico, que seria a expressão geográfica da globalização, chamado por Santos de meio técnico-científico-informacional. Esse meio é marcado pelo destaque da ciência, das técnicas e da informação na construção ou reconstrução do espaço (Santos, 2008b, p. 37). Para esse autor, nesse novo meio geográfico o arranjo dos objetos e das ações permite a concretização das três unicidades definidoras do atual período: em primeiro lugar, há a unicidade técnica, a existência de um “conjunto técnico homogêneo, sistêmico, preenchido e comandado por relações mundializadas sistematicamente unificadas” (Santos, 2006a, p. 196); em segundo lugar,

destaca-se a unicidade dos momentos, ou seja, a “possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos, e, assim, a possibilidade de perceber sua simultaneidade” (Santos, 2006a, p. 196); a terceira unicidade seria o motor único, o “motor da vida econômica e social, representada, emblematicamente, pela emergência de uma mais-valia no nível mundial” (Santos, 2006a, p. 204). Tais unicidades são imprescindíveis para a dinâmica atual da comunicação global e do jornalismo, baseados nas redes informacionais globais.

Se o mundo sempre foi um conjunto de possibilidades, o que muda agora é que elas estão interligadas e são interdependentes. A informação exerce um papel importantíssimo nessa interligação. Conforme Santos (1984, p. 7)

com a internacionalização das técnicas, da produção e do produto, do capital e do trabalho, dos gostos e do consumo, a mundialização das relações sociais de todos os tipos (econômica, financeira, política...) é a garantia de universalidade que permite compreender cada fração do espaço mundial em função do espaço global. Somente a partir desta universalidade — uma universalidade empírica — é que certas categorias filosóficas podem ser transcritas numa linguagem geográfica com toda a sua significação.

Em outras palavras, com a globalização e essas unicidades que a definem, pela primeira vez na história essa universalidade se tornou empírica, visível a todos e podendo ser percebida nos lugares. Como exemplo, podemos citar a possibilidade de comunicação em tempo real a partir da internet ou os efeitos de uma crise financeira global como a de 2008/2009, que chegam instantaneamente em lugares longínquos, sendo percebidos no comércio e no desemprego. Essa universalidade empírica, conforme Santos (2006a, p. 115), permite um tratamento objetivo da questão da totalidade, que também apresenta-se, no atual período, como uma totalidade empírica. Isso significa que se pode examinar as relações entre a totalidade-mundo e os lugares, com a preocupação de realizar o movimento analítico do universal para o particular e vice-versa, com as mediações dos eventos e da divisão do trabalho (Santos, 2006a, p. 115).

No caso da comunicação, essa universalidade empírica permite diversas leituras, tanto a partir da centralização da produção de informações em poucos agentes globais, que acabam por redefinir a comunicação local, pautando seus conteúdos e eventos e disseminando um tempo global, quanto a partir da possibilidade de comunicação e união

entre diversos lugares a partir das novas tecnologias, com pouca ou nenhuma mediação dos centros hegemônicos.

### **Política, comunicação e os usos do território**

Ao analisar os usos do território, é importante considerar a dimensão política, identificando os agentes hegemônicos e hegemonzados, bem como a existência de “lugares que comandam” e “lugares que obedecem” — a partir dos fluxos de informação (Santos e Silveira, 2001). Tanto a difusão seletiva e desigual das infraestruturas comunicacionais como as ações dos agentes hegemônicos no comando da comunicação trazem consequências importantes aos lugares e merecem a atenção de nossas investigações.

Uma importante dimensão a resgatar e destacar da obra de Santos para a interpretação das dinâmicas comunicacionais é a análise de recortes espaciais superpostos – de um lado, *horizontalizações*; de outro, *verticalizações* (Santos, 2008b, p. 99). Para o autor, “é a partir desses novos recortes espaciais, dessas novas subdivisões do espaço, que devemos pensar as suas novas categorias analíticas” (Santos, 2008b, p. 99). Santos apresenta, assim, um entendimento de que os arranjos espaciais na atualidade não são apenas baseados na contiguidade, mas também de constelações de pontos descontínuos mas interligados. Ele chama de horizontalidades “extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região” e verticalidades “pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia” (Santos, 2006a, p. 284).

Para abordar as diferenciações no território a partir das dinâmicas da informação e da comunicação, nos baseamos nas diferentes cargas de conteúdo técnico, informacional e comunicacional que os espaços apresentam no período atual, criando diferentes densidades, conforme propõe Santos (2006a). A *densidade técnica* seria dada pelos graus de artifício, variando do espaço jamais tocado pelo homem até a prevalência dos objetos técnicos (Santos, 2006a, p. 257). A *densidade informacional* nos indica o grau de exterioridade do lugar e a realização de sua propensão a entrar em relação com outros lugares, já que a informação introduz uma intervenção vertical no espaço, que geralmente ignora seu entorno. Já a *densidade comunicacional* resulta do tempo plural do cotidiano partilhado — o tempo conflitual da copresença — estando ligada às dinâmicas horizontais de trocas do lugar (Santos, 2006a, p. 258).

Partindo desse entendimento, ao analisar a produção e circulação de informações no espaço geográfico, Silva (2010) considera a existência de círculos informacionais *ascendentes* e *descendentes*, coexistindo no espaço geográfico. Os círculos descendentes são aqueles baseados na informação que atinge verticalmente os lugares. Conforme Santos (2006a, p. 257), “a informação unívoca, obediente às regras de um ator hegemônico, introduz, no espaço, uma intervenção vertical, que geralmente ignora seu entorno, pondo-se a serviço de quem tem os bastões de comando”. Por outro lado, os círculos informacionais ascendentes referem-se aos “dinamismos mais arraigados ao lugar, ao dilema da sobrevivência, da resistência e da reprodução” (Silva, 2010, p. 2).

Articulando esse entendimento com as densidades técnica, informacional e comunicacional, podemos falar em uma *comunicação ascendente* em oposição às informações descendentes. Essa comunicação ascendente parte da troca efetiva de informações fundadas no cotidiano compartilhado, baseadas em dinâmicas de solidariedade orgânica dos lugares, produzidas a partir de saberes locais nutridos pelo cotidiano (Santos, 1999, p. 21). Nos dizeres de Gorz (2005, p. 9), são as “formas de saber que não são substituíveis, que não são formalizáveis: o saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação. Em poucas palavras, formas de um saber vivo adquirido no trânsito cotidiano, que pertencem à cultura do cotidiano”.

Também explicativo para as dinâmicas comunicacionais é o par conceitual tecnosfera – psicofera. À dimensão dos objetos técnicos ou fabricados do espaço, associa-se uma dimensão – nem sempre coincidente – de imaginários, sentidos, emoções e valores. Chamamos a primeira, com Santos (2006a), de tecnosfera e a segunda, de psicofera. Para este autor, a psicofera diz respeito ao reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido (Santos, 2006a, p. 256), enquanto a tecnosfera compreende o conjunto de objetos técnicos, resultado da artificialização crescente do espaço (Santos, 2008b, p. 30). Os usos do território se fazem conjuntamente na tecnosfera e na psicofera, que são indissociáveis, complementares e os dois pilares da racionalidade fundadora da globalização (Pereira, 2007, p. 48). Para Kahil (2010, p. 477), a esfera dos objetos técnicos não tem valor ou significado em si. Como tanto a tecnosfera quanto a psicofera são frutos do artifício, são subordinadas aos que impõem as mudanças (Santos, 2008b, p. 30).

A racionalidade presente nessa psicosfera apoia e acompanha a expansão do meio técnico-científico-informacional no território brasileiro (Ribeiro, 1991, p. 48–49), disseminando, por exemplo, os imperativos da técnica e da eficiência, e minimizando a repercussão e o alcance de eventos de contestação e de conflitos. A configuração das normas e dos objetos que compõem a tecnosfera desse período torna-se, assim, “inevitável”.

Para analisar a psicosfera dos territórios dos países subdesenvolvidos como o Brasil, consideramos a importância, também, da noção de alienação territorial (Ribeiro, 2005, p. 268), que seria a dimensão imaterial dos territórios alienados. Os territórios alienados são aqueles nos quais as decisões essenciais concernentes ao processo local são “estranhas” ao lugar e obedecem a motivações distantes (Santos, 2000, p. 107). Em relação à comunicação, podemos analisar o controle das pautas exercido pelas agências globais de notícias e outros agentes, sempre a partir de suas sedes nos países centrais e impondo-se aos demais territórios. Essa alienação territorial atinge os lugares, condicionando o cotidiano das pessoas.

É fundamental buscar a caracterização da psicosfera e da tecnosfera, reconhecendo as permanências e transformações, os arranjos efetivamente presentes no território que dão suporte à ação hegemônica e que devem ser alvos das disputas para projetos contra-hegemônicos. Como argumentado em outro trabalho (Pasti, 2022), nossas interpretações devem unir esforços de desvendar o novo em suas articulações com as práticas herdadas e permanentemente em movimento das comunicações, enquanto tecnosfera e psicosfera.

### **Cotidiano, comunicação e lugar: a questão das existências**

Uma teoria crítica e operacional da realidade social deve considerar o cotidiano, a quinta dimensão do espaço (Santos, 2006b). Com o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social, o cotidiano de todas as pessoas se enriquece de novas dimensões, e a espacial destaca-se como a mais importante de todas (Santos, 2006a, p. 321). É importante enfrentar essa apreensão analítica do cotidiano por meio do espaço. Neste artigo, longe de encerrarmos essa tarefa, anunciamos alguns caminhos e questões pertinentes.

Para tanto, buscamos apreender a existência, que significa, em uma primeira aproximação, estar fora, estar no mundo, e estar no mundo significa estar em situação (Silveira, 2006b, p. 86). Podemos, assim, compreender a existência como um conjunto de situações concretas. Interessa-nos a existência em sua totalidade. Para pensar a existência e as situações, é importante resgatar, também, a ideia de prático-inerte (Sartre, 2002), que corresponde à ação cristalizada nas formas. A materialidade exerce, portanto, uma inércia que condiciona as ações. Ela é, assim, importante para pensar as dinâmicas cotidianas, sendo, ao mesmo tempo, condição, limite e convite à ação (Santos, 2006a, p. 321). Nesse sentido, só é possível pensar os projetos de futuro conhecendo as situações concretas (Silveira, 2006b, p. 87).

O cotidiano supõe o passado como herança e o futuro como projeto. O presente depende, segundo Santos (1996) “dessa existência do passado, da qual não nos podemos libertar porque já se deu; e desse futuro, que oferece margem para todas as nossas esperanças”. O autor complementa: “cada um de nós são dois, oscilando entre a necessidade e a liberdade, entre o que somos e o que queremos ser, entre a dificuldade de afirmação diante das situações e a crença de que podemos ser outra coisa e de que podemos construir outra coisa” (Santos, 1996).

O cotidiano é vivido no lugar. O fato de estar junto dentro de uma área contínua tem reflexos na forma como se dá a espacialidade, já que, “porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre a organização e a espontaneidade” (Santos, 2006a, p. 322). Para Santos (2006a, p. 321–322) o lugar é o cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições, onde cooperação e conflito são as bases da vida em comum.

Nessas condições atuais da vida econômica e social, a informação, organizada em rede, constitui um dado essencial e indispensável (Santos, 2000, p. 39). Logo, para enfrentar a questão do cotidiano, devemos também considerar as redes, que hoje são globais, mas são, também, locais. Para a compreensão das redes deve-se considerar, conforme proposição de Santos (2006a, p. 262), tanto seu aspecto material — os sistemas de objetos técnicos que garantem seu funcionamento — quanto seu aspecto social, já que “a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam”. Em cada lugar há traços dessas redes, e

no lugar, através da rede e de sua utilização cotidiana o homem descobre outra vez que são dois: aquele que exerce o trabalho local, material, direto, que ele localmente sente e sofre todos os dias, e aquele outro homem que é objeto de uma divisão do trabalho, vítima de uma cooperação que afinal descobrirá um dia, ainda que não a entenda completamente. É este o cotidiano dos homens neste fim de século, neste período de globalização, frente às redes que são globais e são locais (Santos, 1996).

Se, como anunciamos, o mundo é um conjunto de possibilidades, é importante lembrar que cada lugar realiza apenas um feixe de possibilidades. Por outro lado, os cotidianos dos lugares compõem o movimento da totalidade. Conforme Santos (1996), o espaço é sempre uma funcionalização do mundo, e por isso através do espaço nós podemos abraçar de uma só vez o ser e o existir.

Ana Clara Torres Ribeiro relembra que o território não é inerte – “só os atores hegemônicos podem criar e difundir essa fantasia, já que não necessitam, ou não querem reconhecer explicitamente, a ação do Outro” (Ribeiro, 2017, p. 37). O reconhecimento dos muitos Outros (Ribeiro, 2012) no espaço, em espaços opacos, ligados à dinâmica da sobrevivência, é parte do processo necessário de visibilização das múltiplas possibilidades da existência, dos movimentos e racionalidades alternativas – onde a comunicação pode exercer um papel bastante contributivo.

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos indicar caminhos legados pela Teoria Crítica do Espaço de Milton Santos para as investigações sobre comunicação e território. Ressaltamos que há, ainda, muitas outras possibilidades de abordagens — mesmo dentro da obra do autor — no que se refere às leituras críticas da comunicação a partir do território. A despeito disso, a abordagem aqui apresentada permite tensionar e explorar inúmeras questões ligadas às dinâmicas territoriais da comunicação que urgem serem melhor analisadas.

Em primeiro lugar, é fundamental investigar as diversas dimensões do que Santos (2000) aponta como a violência da informação no período atual — considerando a importância crescente da informação e a forma como ela é oferecida à humanidade. Segundo esse autor (Santos, 2000, p. 40), é preciso considerar o caráter cada vez mais ideológico que possuem essas informações, a relação “carnal” entre a produção de notícias e a publicidade, e a facilidade da produção de falsidades, fábulas e mitos a partir da distorção dos fatos pelos poucos agentes controladores da informação, especialmente no caso da informação noticiosa. Desse modo, torna-se de altíssima importância

compreender quais agentes comandam a produção e circulação da informação, desvendando os círculos de informações descendentes e buscando compreender as dinâmicas das notícias, da informação financeira, da publicidade e da informação de gestão de empresas e consultorias (Bernardes da Silva, 2001), assim como os controladores da mídia (Bandeira, Pasti e Mendes, 2023). As noções de psicofera e de alienação territorial nos parecem explicativas, operacionais e necessárias para a investigação dessas questões.

Por outro lado, nota-se a existência de uma agenda complementar que diz respeito à comunicação ascendente e à densidade comunicacional dos lugares. Nesse sentido, é essencial reconhecer essa produção de informações contra hegemônicas no território — sejam elas residuais, de resistência ou visando a construção de projetos de alternativas políticas — e a comunicação existente de fato nos lugares, a partir do cotidiano compartilhado. Trata-se, também, de reconhecer as dinâmicas comunicacionais dos espaços opacos ou silenciados e de investigar as possibilidades de políticas que potencializem a densidade comunicacional desses lugares. Cabe ressaltar que ao mesmo tempo em que o lugar “é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas”, ele também é “-o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (Santos, 2006a, p. 322).

O território usado e praticado nos revela, portanto, que a comunicação pode ser portadora de transformações nos lugares e dos lugares para a totalidade-mundo, colocando imensos desafios à análise e às políticas das comunicações. Cabe a nós construir os caminhos teóricos para compreender com profundidade essas novas dinâmicas e, se possível, subsidiar propositivamente ações que levem a usos mais solidários do território.

---

## Communication and territory: conceptual foundations from the Critical Space Theory

**Abstract:** This article aims to present and discuss conceptual pathways for analyzing communication from the perspective of used and practiced territory, drawing from Milton Santos' Critical Theory of Space. It introduces and mobilizes concepts aimed at interpreting the territorial dynamics of communication in contemporary times.

**Keywords:** communication.; territory; Critical Theory of Space; Milton Santos.

## Comunicación y territorio: fundamentos conceptuales desde la Teoría Crítica del Espacio

Este artículo pretende presentar y discutir caminos conceptuales para el análisis de la comunicación desde la perspectiva del territorio usado y practicado, a partir de la Teoría Crítica del Espacio de Milton Santos. Introduce y moviliza conceptos destinados a interpretar las dinámicas territoriales de la comunicación en la contemporaneidad.

**Palabras – claves:** comunicación; território; Teoría Crítica del Espacio; Milton Santos.

---

## Referências

AAG. Media and Communication Geography Specialty Group. **Association of American Geographers**. 2018. Disponível em: <http://community.aag.org/communities/community-home?CommunityKey=a4e40171-8c58-4343-8fc4-432b13d7b262>. Acesso em: 7 jul. 2018.

ADAMS, Paul. **Theatrical territoriality: a geographical enquiry into protest occupations and mass communications**. 1993. PhD dissertation – University of Wisconsin-Madison, 1993.

ADAMS, Paul. A taxonomy for communication geography. **Progress in Human Geography**, v. 35, n. 1, p. 37–57, fev. 2011. ISSN 0309-1325, 1477-0288. DOI 10.1177/0309132510368451.

ADAMS, Paul. Geographies of media and communication I: Metaphysics of encounter. **Progress in Human Geography**, p. 0309132516628254, 24 jan. 2016. ISSN 0309-1325. DOI 10.1177/0309132516628254.

ADAMS, Paul. Geographies of media and communication II: Arcs of communication. **Progress in Human Geography**, p. 0309132517702992, 12 abr. 2017. ISSN 0309-1325. DOI 10.1177/0309132517702992.

AGUIAR LOPES, Sonia. Geografias da comunicação contemporânea: um mapa teórico e empírico do campo. **Contemporânea**, v. 11, n. 1, 2013. ISSN 1806-0498. DOI 10.12957/contemporanea.2013.6960. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/6960>. Acesso em: 22 nov. 2016.

ANDRADE, Manuel Correia. **O Brasil e a América Latina**. São Paulo: Contexto, 1996.

BALDESSAR, Maria José; MOREIRA, Sonia Virginia; PASTI, André. Geografia e comunicação: diálogos mais que possíveis. In: MORAIS, Osvando J. de (ed.). **Ciências da comunicação em processo: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI: conhecimento, leituras e práticas contemporâneas**. São Paulo: Intercom, 2014. p. 739.

BANDEIRA, Olívia; PASTI, André; e MENDES, Gysselle (ed.). **Quem controla a mídia? Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais**. São Paulo: Veneta, 2023. 320 p.

BERNARDES DA SILVA, Adriana. **A contemporaneidade de São Paulo: produção de informações e novo uso do território brasileiro**. 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

CONTEL, Fábio. A internalização da categoria informação na geografia econômica: da teoria da localização à escola de geografia sueca. In: VIDEIRA, S. L.; COSTA, P. A.; FAJARDO, S. (ed.). **Geografia econômica: (re)leituras contemporâneas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

FALKHEIMER, Jasper; e JANSSON, André. **Geographies of communication: the spatial turn in media studies**. Nordicom: Goteborg, 2006. Goteborg: Nordicom, 2006.

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005. ISBN 85-7419-489-1.

GOTTMANN, Jean. **Megalopolis and antipolis: the telephone and the structure of the city**. In *de Sola Pool*. Cambridge, MA: MIT Press, 1977.

HÄGERSTRAND, Torsten. A propagação de ondas de inovação. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 3, n. 2, 2013.

HEPWORTH, M. **Geography of the information economy**. London: Guilford, 1989.

HILLIS, Ken. On the margins: the invisibility of communications in geography. **Progress in Human Geography**, v. 22, n. 4, p. 543–566, 1 ago. 1998. ISSN 0309-1325. DOI 10.1191/030913298669028680.

KAHIL, Samira. Psicofera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 3, 2010.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 2002.

LUKINBEAL, Chris; e ZIMMERMANN, Stefan (ed.). **The Geography of Cinema - A Cinematic World (Media Geography at Mainz)**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2008.

MELO, José Marques de. Espaço, tempo e movimento: contribuições de Manuel Correia de Andrade para a Geografia da Comunicação. **Alceu**, v. 10, n. 20, p. 82–99, 2010.

PASTI, André. A comunicação, os usos do território e o método geográfico: em busca de uma leitura crítica. *In*: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza, CE. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Fortaleza, CE: Intercom, 2012.

PASTI, André. A internalização da categoria informação no pensamento geográfico: algumas considerações. *In*: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

PASTI, André. Contribuições de Milton Santos para pensar a democratização da comunicação. *In*: BALDESSAR, Maria José; MONJE, Daniela Inés (ed.). **Diálogos latino-americanos: comunicação e democracia em tempos de convergência**. São Paulo: Intercom, 2018.

PASTI, André. O novo e o velho na organização da mídia no território brasileiro: contribuições para a leitura da conjuntura atual a partir de Milton Santos. **PerCursos**, v. 23, n. 51, p. 238–264, 13 maio 2022. ISSN 1984-7246. DOI 10.5965/1984724623512022238.

PEREIRA, Evelyn. **A empresa e o lugar na globalização: a “Responsabilidade social empresarial” no território brasileiro**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – FFLCH/USP, São Paulo, 2007.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Matéria e espírito: o poder (des)organizador dos meios de comunicação. *In*: PIQUET, Rosélia; RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Fundação Universitária José Bonifácio, 1991.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. **Osal**, v. 4, n. 16, p. 263–272, 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Cultura, Ação e Planejamento. *In*: AMBIENS SOCIEDADE COOPERATIVA (ed.). **Estado e lutas sociais: intervenções e disputas no território**. Curitiba: Kairós, 2010.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Por uma sociologia do presente: ação técnica e espaço**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012. 5 v. v. 1.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Por uma sociologia do presente: ação técnica e espaço**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. 5 v. v. 3.

- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Pequena reflexão sobre categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado. *In*: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (ed.). **Território brasileiro: usos e abusos**. Arapiraca: Uneal, 2017. p. 41–51.
- SANTOS, Milton. A geografia no fim do século XX: a redescoberta e a remodelagem do planeta e os papéis de uma disciplina ameaçada. **Geonordeste**, v. 1, n. 2, p. 1–13, 1984.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: SANTOS, Milton. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1994.
- SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 21, n. 1, 1996. ISSN 2357-9447.
- SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, n. Ano XIII, n. 2, p. 15–26, 1999.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **Economia Espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: Edusp, 2003.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2004. 285 p. ISBN 85-314-0715-X.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006a.
- SANTOS, Milton. Por uma epistemologia existencial. *In*: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; SILVEIRA, María Laura; ARROYO, Mónica (ed.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2006b.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008a.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Edusp, 2008b.
- SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Edusp, 2009.
- SANTOS, Milton; e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 1960 2002.
- SILVA, Adriana Bernardes da. Círculos de informações e novas dinâmicas do território brasileiro. *In*: XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre. **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre: AGB, 2010.

SILVEIRA, María Laura. Por um conteúdo da reflexão epistemológica da geografia. *In*: DE SOUZA, Álvaro José (ed.). **Paisagem território região: em busca de identidade**. Cascavel (PR): Ediunioeste, 2000.

SILVEIRA, María Laura. Escala geográfica: da ação ao império. **Terra Livre**, v. 2, n. 23, p. 87–96, 2004.

SILVEIRA, María Laura. Por uma teoria do espaço latino-americano. *In*: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; SILVEIRA, María Laura; ARROYO, Mónica (ed.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2006a.

SILVEIRA, María Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, n. 19, p. 81–91, 2006b.

THRIFT, Nigel. Torsten Hägerstrand and social theory. **Progress in Human Geography**, n. 29, p. 337–340, jun. 2005.

WARF, Barney. Telecommunications and the Changing Geographies of Knowledge Transmission in the Late 20th Century. **Urban Studies**, v. 32, n. 2, p. 361–378, 1 mar. 1995. ISSN 0042-0980. DOI 10.1080/00420989550013130.

WARF, Barney. Geographies of global Internet censorship. **GeoJournal**, v. 76, n. 1, p. 1–23, 1 fev. 2011. ISSN 1572-9893. DOI 10.1007/s10708-010-9393-3.

WARF, Barney. **Global Geographies of the Internet**. [S. l.]: Springer Science & Business Media, 1 ago. 2012. 170 p. Google-Books-ID: HGHwMXVXzD8C.

---

### Sobre o autor

**André Buonani Pasti** – Graduado, mestre e doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal do ABC (UFABC).

---

Recebido para avaliação em março de 2024

Aceito para publicação em abril de 2024